

Pó

Frederico de Holanda

Acabara de levantar-se. A primeira coisa a fazer era preparar o motor de arranque – o primeiro café do dia, forte, uma xícara pela borda. Enquanto a cafeteira fazia seu trabalho, ele abria a casa: as portas e janelas de venezianas, voltadas para o nascente; as portas da varanda para o norte, que em parte abrigava o carro e em parte fazia as vezes de *hall* de entrada da morada, após a travessia dos jardins desde o portão; a porta do fundo, para o poente, sombreada por gigantesco cajueiro de succulentos frutos amarelos.

Enchia a xícara e ia à varanda. Bebericava o café sentado na rede, a apreciar os primeiros raios de sol filtrados pela densa folhagem; à sua esquerda e um pouco à frente da varanda, ficava um belo e centenário pé de cedro, plantado por sua sogra quase um século antes. Um pouco mais afastado, porém bem defronte à varanda, um cajueiro amplo, também centenário. O sítio havia sido herdado dos seus sogros mais de quarenta anos atrás. Desde então, ele e sua mulher substituíram a vegetação de cerrado preexistente por um pomar de mais cajueiros, mangueiras, pitangas, graviolas e outras frutíferas, além de plantas ornamentais cuja floração era um deleite.

Também gostava de tomar o café na cabeceira da mesa de jantar, no extremo da sala oposto ao nascente. O encanto era outro. O sol rasante entrava fundo no ambiente, atravessando a vegetação e desenhando no piso uma filigrana luminosa em movimento, raios cruzando os vãos entre folhas agitadas pelo vento. Atrás de si, o espaço da sala se prolongava, sem quaisquer barreiras, num jardim pergolado, delimitado, ao final, por uma vedação de cobogós. Ao longo do dia, e variando no ano, os facho solares, atravessando pérgolas e cobogós, imprimiam sobre a vegetação do jardim interno e sobre paredes e pisos outros desenhos luminosos que ele muito cultuava.

Sentado à mesa, percebeu uma mancha luminosa incomum sobre a toalha. Olhou para o teto. Da cobertura de telhas coloniais faltava um conjunto de quatro unidades, por onde a luz incidia sobre o móvel. Não havia sinal de queda, nem de retirada, nem de invasão. Tampouco estavam no quintal.

Como de costume, foi à praia. O sol estava ameno, filtrado por cirros diáfanos. Branquelo, protegeu sua pele delicada com os devidos produtos. Banhou-se, nadou, tomou sol. Admirava particularmente aquele trecho de litoral. Os terrenos eram amplos, as casas mal entrevistadas entre árvores; na maré baixa, a praia era larga, de pequena declividade, os arrecifes formavam uma piscina – sua raia de natação. Ao voltar à casa, no chuveiro, notou uma mancha mais clara que a própria pele, do tamanho da palma de sua mão, na batata da perna esquerda. Parecia um foco de luz sobre a panturrilha. Além disso, a pele havia afundado um pouco, faltava carne.

No dia seguinte, ao fazer a higiene habitual no banheiro, mais surpresa: no telhado, faltava o dobro do número de telhas que estavam ausentes, ontem, na sala. Nesta, via-se o buraco do dia anterior, só que bem maior. Intrigado, percorreu o resto da casa. Os buracos no teto se espalhavam por todos os cômodos.

Na perna, a mancha havia se alargado, agora ocupava a batata da perna inteira, e a espessura de sua panturrilha tinha diminuído ainda mais. Mancha similar aparecia na perna direita. As coxas também haviam afinado, perdia as pernas grossas herdadas da mãe – tema de gracejo familiar. Junto a isso sentia certa fraqueza, que lhe dificultava a mobilidade, diminuía a força de suas pernas, dificultando sentar-se e levantar-se da cadeira ou da rede. Olhando no espelho, viu um rosto encovado, bochechas murchas, pele engelhada. Achou-se mais baixo.

Mais um dia e agora os buracos no telhado avançavam. Não só os anteriores estavam ainda maiores, porém surgiram novos. Na varanda, um quarto dela estava desprovido de telhas, linhas, caibros e ripas expostos ao sol. A outra varanda, onde ficava o carro, estava completamente destelhada. Algumas paredes internas da casa eram pintadas em cores vivas – azul e amarelo. Tinham desbotado, restando apenas um leve resquício da tinta anterior.

Continuou a perder peso, com grande dificuldade de locomoção. Seus braços afinavam, e sua barriguinha, formada na idade avançada, havia quase sumido – ponto para a elegância, se fosse noutros tempos. As pernas mal obedeciam ao seu comando, quadril, joelhos e pés doíam muito, a região lombar da coluna, nem falar. Chegava à varanda para deitar-se em sua rede querida com grande dificuldade. Lá ficava horas a fio, olhando o jardim, sem nenhuma disposição para se alimentar. Quando se forçava a isso, tinha muita dificuldade para deglutir, doía-lhe a garganta, a comida lhe queimava o esôfago. E deslizava célere pelo trato digestivo: tinha diarreia crônica. Definhava.

No outro dia acordou mais cedo, dada a luz intensa que lhe atingiu os olhos ao nascer do sol: o quarto não tinha mais telhas, o madeirame estava todo exposto. Faltava a parede entre o quarto e o banheiro, tinha sumido junto com os armários voltados para o primeiro, nela embutidos. O madeirame do teto não dava bola para a ausência das paredes onde se apoiava, ele flutuava sobre os lugares onde antes havia os suportes que o sustentavam. Na ausência da parede, a canalização do banheiro, que por dentro dela passava, agora estava exposta, mas continuava no seu lugar. Como o madeirame, formava uma teia de canos que se sustentava no ar. Ainda havia a parede entre o banheiro e a despensa, onde se apoiavam o balcão da pia e o grande espelho.

Olhando-se ao espelho, não se reconhecia, mais magro e ainda mais baixo. A pele havia adquirido uma coloração uniforme, um branco azulado que cobria todo o corpo. Haviam desaparecido as diferenças entre as partes comumente expostas ao sol, de um bronze avermelhado, dada sua branquitude, e as outras, mais claras, protegidas pela roupa. Ao passar a escova no cabelo, chumaços se soltaram. Olhou para os braços e pernas e não viu mais pelo algum. Despiu-se, e viu que tampouco sobraram pelos nas axilas, nem pubianos. Agora deu-se conta de uma estranheza a mais que sentiu, sem identificá-la no momento, quando se olhou por primeiro no espelho: sobrancelhas e cílios não mais existiam.

Amanheceu novamente, e todas as telhas da casa sumiram, assim como as paredes internas. Ficaram apenas o madeirame do teto, a malha de fios elétricos, antes embutidos

nas paredes e agora expostos, e o envoltório da residência: as paredes externas, a superfície de cobogós do extremo da sala voltado para o poente, as esquadrias de veneziana que abriam para as varandas – as portas e as janelas. Ah, ainda havia sua cama e os demais móveis e equipamentos: a mesa de refeições, a estante de livros da sala, o aparelho de TV sobre sua mesinha, o fogão, a geladeira, e os balcões de granito, que ficavam encostados nas paredes, agora inexistentes. A fiação elétrica, embutida ou não, que alimentava lâmpadas e utensílios, continuava no lugar; luminárias antes aplicadas às paredes estavam conectadas à fiação, mas pairavam no ar, desprovidas dos anteriores suportes. A bacia sanitária, a pia do banheiro e o chuveiro seguiam ligados às tubulações de alimentação de água e de coleta de efluentes. Antes de ir ao banheiro, sentou-se na cama e contemplou por alguns momentos o espaço interno da casa em sua plenitude, a visão decorada pela leve teia de fios, verticais ou horizontais, que denunciavam a existência dos antigos cômodos. Admirou a configuração do lugar, que conhecia em sua cabeça, mas que só agora o percebia como um *continuum*.

Por vezes, parte do campo visual desaparecia, forma-se uma espécie de nuvem branca que encobria trechos da realidade à sua frente. As nuvens apareciam e sumiam aleatoriamente, aumentavam e diminuía de tamanho, a qualquer momento do dia, independentemente do que estava a fazer. Não relacionava nenhum esforço especial ao fenômeno. O globo ocular doía, junto com forte ardor na córnea. Progressivamente, seu campo visual encolheu, ele se reduziu a um pequeno círculo que mal abarcava o rosto de uma pessoa a um metro de distância, era como se estivesse olhando o mundo pelo minúsculo buraco de uma fechadura das antigas.

Mais um dia, e ele acordou no chão frio, pelo menos ainda com as cobertas. Tudo que havia no anterior espaço interno da casa desapareceu – mesas, cadeiras, divãs, armários, balcões, estantes – e agora também se foram o madeirame do teto e as paredes externas. No entanto, pairava no ar uma intrincada malha de fios, como um esqueleto extremamente delicado de algo que existiu ou viria a existir. Só num segundo momento percebeu serem os cabos da instalação elétrica da antiga morada, decorados aqui e ali por luminárias pendentes ou apliques antes afixados no teto ou nas paredes, igualmente a flutuarem no espaço. Para

além do esqueleto, estava ilesa a amada vegetação que cultivou ao longo de décadas e que, por todos os lados, abraçava o lugar da desaparecida edificação.

Ver o esqueleto de cabos com dificuldade não era somente por causa da delicadeza do esqueleto, mas de seus olhos. A vista embaçada juntava-se ao campo de visão diminuto. Via imagens duplas ou triplas, ou desfocadas. Pouco a pouco começou a duvidar se estava a ver a realidade das coisas ou a imaginar fantasias fabricadas por sua mente. Até cair a ficha — e demorava — não sabia onde acordava, às vezes pensava estar no Recife de sua infância e adolescência, às vezes no Maranhão, onde viveu por dois anos (seus primeiros tempos de atividade profissional), às vezes no Rio, onde viveu por três anos, ou em Brasília, onde havia se fixado por 54 anos, antes de se mudar em definitivo para o sítio onde agora estava.

Acordou com os primeiros raios de sol batendo em seu rosto. Estava deitado na areia e nada da residência sobrara. O sítio estava como o havia conhecido quase quarenta anos atrás, quando o visitou pela primeira vez e ainda não havia a clareira aberta para a construção da futura casa. A vegetação, rasteira, arbustiva e arbórea plantada ao longo de décadas, substituindo o cerrado original, tinha desaparecido e a paisagem voltou ao estado de cerrado anterior.

Tentou, mas não conseguiu se mover. Estava paralisado, seus músculos não respondiam aos impulsos do cérebro. Tentou gritar por socorro, não saiu som de sua garganta. Chegou a uma magreza extrema, estava pele e ossos. A quase ausência de uma camada adiposa fazia com que o calor do sol batesse com força nos órgãos internos, causando-lhe dores insuportáveis. Imóvel, sem beber, sem comer, a perda de consciência estava próxima. Na ânsia de se proteger, com as poucas forças que lhe restavam puxava com os pés, as pernas, os braços e as mãos um pouco de areia para cobrir o corpo. Mas ela já estava muito quente, e não sabia o que era preferível – se exposto, se coberto. Mesmo assim, cobriu-se todo, exceto o rosto, sobre o qual conseguiu colocar algumas folhas secas coletadas ao redor com as mãos.

Depois de algum tempo, não era mais ele. Seu corpo foi secando e secando e secando, foi virando pó, até se confundir com a areia em que estava enterrado. O local da antiga casa, de que tanto usufruiu e que tanto amou, da qual nada restava, tornou-se seu túmulo; o sítio, seu cemitério.

(Brasília, 18 de abril de 2026.)

SOBRE O AUTOR:

Frederico Rosa Borges de Holanda é arquiteto (UFPE, 1966) e PhD em Arquitetura (Universidade de Londres, 1997). Professor titular aposentado, pesquisador colaborador sênior e professor emérito da Universidade de Brasília, onde ministra desde 1972. É autor de diversos livros, dentre eles *O espaço de exceção* (Prêmio ANPUR Tese 1998); *Brasília – cidade moderna, cidade eterna* (2010, Prêmio ANPARQ Livro); *Oscar Niemeyer: de vidro e concreto / Of glass and concrete* (2011) e *10 mandamentos da arquitetura* (2013). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4095512091254454>